



Q. CAMPOFIORITO

MESAS REDONDAS

MAURA DE SENA PEREIRA

Está diante de mim o presente gentil: esta mesa redonda pequenina, leve como uma flôr ilhoa, parecendo um simples adôrno sobre a minha simples mesa de trabalho. Entretanto, para mim é grande e clara, "pesada de sentido", a escura mesa minúscula com que, acabo de ser brindada.

Nesta hora de alvorada difícil, surgindo da longa noite; hora de luta laboriosa para que uma paz firme seja edificada na terra inteira; hora nova, em que os problemas brotam de todos os lados — as criaturas sentem necessidade de um encontro verdadeiro e franco, para amplamente debatê-los.

Ressurgiram, então, as Mesas Redondas, com aquele cunho fraternal e igualitário que as caracteriza desde os tempos lendários do Rei Artur. Em torno delas, sentam-se os mortais ansiosos, levantando interrogações e formulando teses, todos tocados pela esperança de um entendimento e de uma solução.

Ora, acontece que, depois de séculos de infância, a mulher acaba de alcançar a sua maioridade. Já se disse que a guerra, malgrado todos os seus males, traz a vantagem tremenda de precipitar o progresso. E a última guerra, a maior de todos os tempos, guerra de libertação dos povos, foi, indiscutivelmente, total: a ninguém poupou, atingindo profundamente a mulher — obrigando-a a uma situação ativa de combatente. Como consequência, os olhos da humanidade feminina estão mais abertos e ninguém mais do que a mulher que, de fato, despertou e compreendeu — aspira, hoje, por um mundo onde as crianças cresçam banhadas pela luz nova da paz entre os homens.

Não é tudo, porém: com os problemas decorrentes da época transitória e conturbada que estamos vi-

vendo, com a dura crise que sobreveio, coube à mulher uma alentada parcela de responsabilidade, um quinhão maior de inquietação e sacrifício, como dona de casa e como mãe, principalmente se, também, integra o número sempre crescente de mulheres que trabalham fora do lar.

Eis por que acabam de realizar-se duas Mesas Redondas, organizadas e constituídas por elementos femininos, cada uma trazendo o nome de uma alta heroína brasileira: a matuta catarinense que se tornou a "musa da liberdade" de dois mundos e a gloriosa heroína da Inconfidência Mineira — Anita Garibaldi e Barbara Heliodora.

Não importa a ausência de estrelas claras no céu, porque foram noites iluminadas de debates em torno dos problemas da mulher e da criança, visando um pouco de felicidade coletiva, um dia mais tranquilo para todos os lares.

Como lembrança dessas assembléias, aqui está o belo símbolo diante dos meus olhos.

Que o seu destino, porém, não seja, tão somente, o de um caro confeite. Que ãe esteja lembrando sempre a ação que é preciso desenvolver, como fruto das nossas Mesas Redondas, pois elas não devem, amigas, ficar, simplesmente, como expressão verbal, embora impressiva e marcante. Que a frágil cousa que é essa bonita dádiva — tenha a força de me empurrar para frente. Olhando-a, que eu jamais cruze os braços, nem viva voltada para mim mesma ou pensando, apenas, na carne da minha carne. Mas, também, no meu semelhante. Na comunidade. No Brasil.



Dorothy Lamour em "CARNAVAL DE ESTRELAS" da Paramount

O figurino vivo parece sempre mais convincente. Como resistir a uma inspiração envolvida no encanto e na beleza das estrelas americanas? E' o que vai acontecer quando assistirmos Dorothy Lamour em "Carnaval de Estrelas", da Paramount. A linda artista que nos habituamos a encontrar largada nas ilhas do Pacifico ou nas selvas cinematográficas, que sempre seduziu aos tarzans do cinema com o seu imortal "a-arong", está diante de nossos olhos sugerindo para as nossas leitoras um modelo até muito civilizado.

E' uma blusa em nanzuke branco, ornada com pregas finíssimas e rendas valencianas verdadeiras. Os costumes estão em voga de há muito. De lá, em caseiras de tecido fino e unido, durante todo o inverno e agora que a primavera começa, essa primavera tão eterna no Brasil quando o calor não sufoca, em tecidos mistos de lã e seda para, em seguida, cederem o seu lugar às sedas puras. O "tailleur" é positivamente um reflexo da vida mais objetiva, mais prática, sem

prejudicar a linha elegante da mulher, nas horas que não são propriamente de passeio. Os problemas de vida estão-se acumulando e as mulheres também participam, mesmo quando são apenas responsáveis pela direção de seu lar.

Não somos técnicos em cinema, mas gostaríamos de falar em modas movietone. Parece que o termo diz bem com a movimentada atuação das estrelas, num insistente desfile que nos ensina também um pouco de boas maneiras e de atitudes elegantes, quando precisarmos usar os lindos modelos. Dizem que o cinema é uma escola magnífica. E é mesmo. Nem sempre boas nem sempre má. Isso tudo, ainda agora, que começaram a chegar os grandes figurinos de Paris. O Vogue por exemplo, com um número para superar a todos os americanos a que estivemos habituados. Agora já não estamos no tempo em que sofríamos a saudade de grande capital francesa. Também não erramos em afirmar que Nova York foi muito durante esta guerra e o espelho de Paris.